

POPULISMO E AUTORITARISMO: UMA ANÁLISE DO TWITTER DE DONALD TRUMP

POPULISMO Y AUTORITARISMO: UN ANÁLISIS DEL TWITTER DE DONALD TRUMP

POPULISM AND AUTHORITARIANISM: AN ANALYSIS OF DONALD TRUMP'S TWITTER



Jennifer Azambuja de MORAIS¹
e-mail: jennifer.amorais@gmail.com



Felipe Silva MILANEZI²
e-mail: felipe_milanezi@hotmail.com

Como referenciar este artigo:

MORAIS, J. A; MILANEZI, F. S. Populismo e autoritarismo: Uma análise do Twitter de Donald Trump. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 28, n. esp. 1, e023011, 2023. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v28iesp.1.17094>



| **Submetido em:** 05/03/2023
| **Revisões requeridas em:** 22/04/2023
| **Aprovado em:** 11/05/2023
| **Publicado em:** 01/08/2023

Editora: Profa. Dra. Maria Chaves Jardim
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e do Departamento de Ciência Política. Pós-Doutorado em Ciência Política (UFRGS).

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política.

RESUMO: A democracia liberal, tal como conhecemos hoje, após um longo período em que era hegemônica e vista como a única forma de governo possível, vem sofrendo instabilidades quanto a sua legitimidade, em vários países, em especial nos Estados Unidos, onde sua institucionalidade foi pensada, aplicada e consolidada. Nas últimas décadas, há uma crescente desconfiança e insatisfação com relação às instituições e à política em geral, partindo de setores diversos da sociedade estadunidense, abrindo espaço para a ascensão de lideranças políticas que se posicionavam contra o chamado *establishment*, seja com uma proposta mais progressista, como Bernie Sanders ou mais conservadora, como no caso de Donald Trump, eleito Presidente, em 2016. Assim, o presente artigo objetiva analisar como a estratégia de comunicação do Trump exerce uma retórica de deslegitimação das instituições. Para isso, o artigo trará a análise automática do discurso através de *tweets* feitos pela conta pessoal de Trump.

PALAVRAS-CHAVE: Donald Trump. Democracia. Estados Unidos. Populismo. Twitter.

RESUMEN: La democracia liberal, tal como la conocemos hoy, después de un largo período en el que fue hegemónica y vista como la única forma posible de gobierno, ha sufrido inestabilidades en cuanto a su legitimidad en varios países, especialmente en Estados Unidos, donde se diseñó su institucionalidad. aplicada y consolidada. En las últimas décadas, ha habido una creciente desconfianza e insatisfacción con las instituciones y la política en general, a partir de diferentes sectores de la sociedad estadounidense, abriendo espacio para el surgimiento de líderes políticos que se posicionaron en contra del llamado establecimiento, ya sea con una actitud más propuesta progresista, como en el caso de Bernie Sanders o más conservadora, como en el caso de Donald Trump, presidente electo en 2016. Así, este artículo tiene como objetivo analizar cómo la estrategia de comunicación de Trump ejerce una retórica de deslegitimación de las instituciones. Para ello, el artículo traerá el análisis automático del discurso a través de tuits realizados por la cuenta personal de Trump.

PALABRAS CLAVE: Donald Trump. Democracia. Estados Unidos. Populismo. Twitter.

ABSTRACT: Liberal democracy, as we know it today, after a long period in which it was hegemonic and seen as the only possible form of government, has suffered instabilities regarding its legitimacy in several countries, especially in the United States, where its institutionality was designed, applied and consolidated. In recent decades, there has been a growing distrust and dissatisfaction with institutions and politics in general, starting from different sectors of the US society, opening space for the rise of political leaders who positioned themselves against the so-called establishment, either with a more progressive proposal, as in the case of Bernie Sanders or more conservative, as in the case of Donald Trump, elected President in 2016. Thus, this article aims to analyze how Trump's communication strategy exerts a rhetoric of delegitimization of institutions. For that, the article will bring the automatic speech analysis through tweets made by Trump's personal account.

KEYWORDS: Donald Trump. Democracy. United States. Populism. Twitter.

Introdução

Desde antes do início de seu governo nos Estados Unidos em 2017, Donald Trump já era conhecido por ser uma personalidade de opiniões políticas contundentes e polêmicas, utilizando espaço e prestígio públicos que possuía enquanto bilionário e apresentador de programas televisivos para conquistar espaço midiático. Com o advento das redes sociais e a popularização da internet, Trump passou a utilizar redes sociais, em especial o Twitter, como meio para propagação de suas ideias. Por conta disso, especulava-se sobre como seria a relação de Trump com as redes sociais durante o seu mandato, uma vez que, anteriormente, apenas Barack Obama havia exercido a presidências dos Estados Unidos tendo o Twitter como meio de comunicação com a população, utilizando-o com frequência baixa e sob filtragem de assessores políticos (KOIKE; BENTES, 2018).

Trump, por sua vez, adotou uma estratégia de comunicação de roupagem mais direta, sem a diplomacia e os pudores esperados de um presidente da república, conforme a tradição política do país, adotando comportamentos pouco habituais nas redes sociais e, inclusive, contraindicados na área da comunicação política, tais como o uso excessivo de adjetivos, o horário das publicações (muitas feitas durante a madrugada), o ataque direto, por meio de insultos, a adversários políticos e a propagação de notícias falsas, mentiras e imprecisões (KOIKE; BENTES, 2018). Neste sentido, Donald Trump não apenas deixou a sua marca política em suas ações de governos – pode-se dizer que seu governo será lembrado historicamente não por conta disso –, mas principalmente na forma como este se comunicava com a população e nas modificações que isso implicou no modo como políticos utilizam as redes sociais eleitoralmente e mesmo no exercício de seus mandatos, podendo ser observado um novo modelo de comunicação copiado em maior ou menor forma por líderes como Jair Bolsonaro (Brasil), Nayib Bukele (El Salvador) e Viktor Orbán (Hungria), por exemplo. Esse movimento de lideranças de extrema-direita tem sido considerado por muitos autores um novo tipo de populismo de abrangência mundial, sendo adjetivado de populismo métrico e populismo algorítmico ou mesmo de populismo autoritário (CASULLO, 2018; NORRIS; INGLEHART, 2019; MOUFFE, 2019; BERNARDI; COSTA, 2020; MALY, 2020; VARIS, 2020).

Como características desses governos e desse novo tipo de populismo estão ataques a adversários políticos, ataques à imprensa e às instituições, ou seja, observa-se uma retórica autoritária, bem como o reforço positivo de comportamentos autoritários por parte de seus apoiadores contra seus adversários políticos ou contra instituições que sejam compreendidas como obstáculo para a concretização de suas ideias políticas (KOIKE; BENTES, 2018;

NORRIS; INGLEHART, 2019; BERNARDI; COSTA, 2020). A partir disso, o presente artigo objetiva analisar como a estratégia de comunicação Donald Trump exerce uma retórica de deslegitimação das instituições. A hipótese de trabalho proposta é de que a deslegitimação das instituições é empreendida como justificativa para os percalços do Governo através de uma estratégia populista de criação de um inimigo comum, sendo necessário o reforço no apoio ao líder incumbido da tarefa de enfrentá-las.

O artigo utiliza o protocolo qualitativa, a partir da análise automática do discurso de sete *tweets* de Donald Trump atacando as instituições ao longo de seu mandato presidencial (2017-2021). Os *tweets* foram publicados nos dias 04 de fevereiro de 2017, 19 de junho de 2018, 31 de julho de 2018, 26 de maio de 2020, 08 de setembro de 2020, 27 de novembro de 2020 e 06 de janeiro de 2021. Também serão utilizados levantamentos quantitativos a partir de pesquisas anteriores de Koike e Bentes (2018), Gomes e Dourado (2019) e Bernardi e Costa (2020) para reforçar o peso dos ataques às instituições com base no volume de *tweets* produzidos com esse conteúdo.

O artigo está dividido em três partes, além da introdução e das considerações finais. Na primeira se buscará compreender o funcionamento da democracia liberal, seu desenvolvimento histórico e o crescimento de valores autoritários em democracias tidas como consolidadas. Na segunda parte se compreenderá o fenômeno do populismo e como este emprega uma estratégia discursiva de enfrentamento e deslegitimação de posições políticas contrárias. Na terceira parte se analisará os *tweets* de Donald Trump, compreendendo a retórica empregada e a forma como esta estimula a descrença nas instituições.

Autoritarismo e democracia

A democracia é um regime político criado na Grécia Antiga e classificado por Platão como a forma degenerada de exercício do poder pelo povo, sendo ela o prenúncio de uma restauração que centralize o poder em uma única pessoa em nome da ordem (MOUFFE, 2019). Embora tenha-se passado muito tempo entre criação da democracia na Grécia Antiga e da sua recuperação contemporaneamente e o que é compreendido por democracia – em especial na sua aplicabilidade e arranjo institucional – ter diferenças em relação à proposta original, é possível compreender que, em maior ou menor escala e mesmo que de formas diferentes, sua intenção é a de permitir ao povo influência nas decisões políticas.

Se na Grécia Antiga a democracia era exercida pelo povo diretamente, por meio de assembleias, a democracia contemporânea adota um sistema de representação política a partir da eleição de pessoas encarregadas de decidir os processos políticos dentro de uma institucionalidade criada nos Estados Unidos do século XVIII (LIMONGI, 2001). No entanto, essa institucionalidade foi criada justamente para não possibilitar a democracia, afastando do poder a maioria da população. Sobre a democracia, Madison (2001, p. 290) afirma que: “É por isso que tais democracias têm sido sempre palco de distúrbios e controvérsias, têm-se revelado incapazes de garantir a segurança pessoal ou os direitos de propriedade e, em geral, têm sido tão breves em suas vidas quanto violentas em suas mortes”.

A democracia, portanto, era considerada um regime confuso, que levaria à anarquia e tirania da maioria, pondo em risco a classe dos proprietários (MADISON, 2001). Ou seja, assim como Platão, os criadores do sistema político que hoje é considerado o modelo de democracia também não a consideravam de forma positiva ou passível de ser um meio exitoso para a condução política da sociedade. Entretanto, tudo que fora criado pelos federalistas³ viraria sinônimo de democracia, especialmente a partir da publicação em 1835 de *A democracia na América*, de Alexis de Tocqueville (2005). Assim, a divisão de poderes, o sistema de freios e contrapesos, bem como todos os mecanismos de governo que ditariam o funcionamento da política transformaram-se naquilo que é conhecido hoje como democracia liberal (LOSURDO, 2004).

Autores que, posteriormente, defenderiam a democracia liberal deram conta de justificar a contradição entre as instituições e o exercício da democracia pelo povo. Bobbio (1987) defende que a democracia liberal é o modo mais eficaz de controle político por parte do povo, através da representação política e da periodicidade de sua renovação através de eleições que envolveriam a população e possibilitariam a fiscalização do exercício da representação por parte dos representados e, caso necessário, a troca da pessoa a qual foi incumbida a tarefa de exercer o mandato. Entretanto, essa situação seria possível apenas em um contexto em que houvesse um acordo entre todos os atores políticos e entre a própria sociedade no sentido de se respeitar as regras da disputa eleitoral, evitando qualquer tipo de trapaça ou de contestação da sua legitimidade por parte principalmente dos derrotados no pleito (BOBBIO, 1987). Isso seria importante para que a vitória dos derrotados, em um novo pleito, fosse plenamente aceita pelos

³ O Federalista é uma série de textos publicados em jornais por Alexander Hamilton, James Madison e John Jay, sob esse pseudônimo, onde são discutidos publicamente os elementos basilares que constituirão a nova nação, bem como a nova forma de governo que se estava construindo. Posteriormente, os textos foram reunidos em livro e publicados.

novos derrotados (que foram vitoriosos anteriormente), consolidando o sistema político acima das pretensões pessoais ou partidárias.

A aposta nas instituições como redutos do bom funcionamento da democracia e mantenedoras da ordem natural democrática pode ser encontrada em diversos autores que percebem o povo em geral como um elemento secundário na vida política de uma sociedade, como é possível perceber em Schumpeter (1961, p. 328) quando este aponta que “o método democrático é um sistema institucional, para a tomada de decisões políticas, no qual o indivíduo adquire o poder de decidir mediante uma luta competitiva pelos votos do eleitor”, resumindo a democracia ao voto periódico e não concebendo como possíveis ou virtuosas formas democráticas que operem de outra maneira, considerando que as decisões tomadas por representantes são mais exitosas e efetivas que as alternativas que pudessem ser escolhidas diretamente pela maioria. Na visão de Schumpeter (1961) a população invariavelmente ficaria satisfeita com os efeitos de medidas que em princípio fossem impopulares. Já Dahl (2001) compreende que a maioria deve pressionar os representantes para que sua vontade seja estabelecida, em uma ideia de que todos os cidadãos são responsáveis pelos rumos que uma sociedade toma e um governo que decida políticas que se defrontam com a vontade popular está desvirtuado de sua finalidade original.

Para Dahl (2001, p. 107), “a única solução viável, embora bastante imperfeita, é que os cidadãos elejam seus funcionários mais importantes e os mantenham mais ou menos responsáveis por meio das eleições, descartando-os nas eleições seguintes”. Ou seja, a insatisfação com a representação é um elemento possível que deve ser solucionado dentro do processo eleitoral, uma vez que “é complicadíssimo satisfazer a essas exigências da democracia numa unidade política do tamanho de um país; para falar a verdade, até certo ponto quase impossível” (DAHL, 2001, p. 107). Essas concepções divergem da visão de Schumpeter (1961) com relação a maneira como a população deve definir os rumos da política, mas não difere na forma de fazê-lo por meio de eleições periódicas de representantes. Para estes autores, a população deve ter um papel passivo perante a política na maior parte do tempo, limitando sua atividade aos dias determinados para a eleição de representantes, o que institucionalmente pode fazer sentido, mas também pode encobrir uma insatisfação que até pode tomar forma de mobilizações e de contestações assertivas acerca do comportamento e das atitudes dos representantes políticos.

Se a insatisfação com a política institucional, o “sistema”, o *establishment* ou o *status quo* é crescente e os mecanismos de mudança parecem ineficazes, a população pode não ficar

satisfeita com o efeito de medidas impopulares e não crer na possibilidade de mudança pelos mecanismos que levaram a essa situação, o que são elementos propícios para a elevação de saídas “antissistema” e autoritárias (MOUFFE, 2019). Dalton e Welzel (2014) perceberam um crescimento de valores autoritários em democracias já consolidadas, porém, o que parece paradoxal faz parte de um fenômeno que se desenvolveu historicamente e tornou pouco surpreendentes eleições de líderes de discurso antidemocrático mesmo em países que, segundo os parâmetros liberais, teriam uma institucionalidade forte e robusta.

Alegando que o modelo confrontacional da política e a oposição esquerda-direita tinham se tornado obsoletos, celebrando o “consenso no centro” entre centro-direita e centro-esquerda, o então chamado “centro radical” promoveu uma forma tecnocrática de política de acordo com a qual a política não seria mais um confronto partidário, mas a administração neutra dos negócios públicos (MOUFFE, 2019, posição 201).

Essa visão de uma política que teria transcendido a própria política, sendo uma mera reprodução do que fora analisado e recomendado por um corpo técnico neutro é o que Mouffe (2015, 2019) chama de pós-democracia, onde há um “consenso de centro” que impede qualquer disputa que aponte para diretrizes mais assertivas, sob acusação de irracionalidade ideológica, levando ao que a autora chama de pós-política, uma visão de modernização da política onde “direita” e “esquerda” não mais se difeririam em sua prática. Assim,

[...] as instituições existentes falham em garantir a lealdade das pessoas, na tentativa de defender a ordem existente. Como resultado, o bloco histórico que estabelece a base social de uma formação hegemônica é desarticulado, e surge a possibilidade da construção de um novo sujeito de ação coletiva – o povo – capaz de reconfigurar uma ordem social tida como injusta (MOUFFE, 2019, posição 281).

Norris e Inglehart (2019) apontam que os Estados Unidos passam por uma transformação na cultura política local por conta de uma camada jovem cada vez maior que, aos poucos, modifica o apoio à democracia e questiona o funcionamento das instituições. Os autores, entretanto, apontam isso com ressalvas de que este padrão pode não se manter, uma vez que a tradição democrática pode fazer refluir qualquer avanço autoritário, voltando ao estágio de estabilidade anterior. Não obstante, também se reconhece que discursos e comportamentos de líderes políticos populares tendem a influenciar a cultura política do país, bem como também buscam fundamentação retórica nas crenças e opiniões da população (CRUZ, 2005). Assim, é possível afirmar que a ascensão de uma liderança política autoritária se dá em um terreno que seja fértil a esse tipo de fenômeno, ao mesmo tempo que esse líder

pode influenciar na deslegitimação da democracia e das instituições, especialmente quando sofre alguma dificuldade na implementação de promessas de campanha.

Populismo

Embora aparecesse em obras anteriores, o termo populismo enquanto um conceito para análise de um fenômeno político ou sociológico ganhou força nas Ciências Sociais a partir dos anos 1960, como explicação de um fenômeno comum a países da América Latina durante a primeira metade do século XX. Neste sentido, destacam-se Gino Germani (1973) e Torcuato di Tella (1973) como autores latino-americanos acerca do fenômeno do populismo, além de Francisco Weffort (1980) e Octávio Ianni (1975; 1973) no Brasil. Inicialmente o conceito era proposto como algo inerente a países subdesenvolvidos, explicando um suposto atraso cultural e político da América Latina em relação a países europeus e aos Estados Unidos. Germani (1973) aponta alguns elementos históricos comuns aos países latino-americanos que explicariam a especificidade de sua política, onde a incorporação das massas à política institucional não se deu através da representação, mas sim por via de revoluções nacional-populares, o que contrastaria com democracias sólidas e levaria a uma cultura mais autoritária e dependente de líderes carismáticos. Di Tella (1973), por sua vez, entende que o populismo é fruto de uma não existência de um liberalismo político exitoso combinado a um movimento de organização efetiva dos trabalhadores, fato que poderia observar-se em países subdesenvolvidos. Para o autor, o populismo

[...] É um movimento político com forte apoio popular, com a participação de setores não operários com significativa influência no partido, e partidário de uma ideologia anti-status quo. Suas fontes de força ou "vínculos organizacionais" são:

I. Uma elite localizada nos níveis médios ou superiores da estratificação e provida de motivações anti-status quo.

II. Uma massa mobilizada formada como resultado da "revolução das aspirações", e

III. Uma ideologia generalizada ou estado emocional que promove a comunicação entre líderes e seguidores e cria entusiasmo coletivo (DI TELLA, 1973, p. 47-48, tradução nossa).

Di Tella (1973) aponta que o populismo pode ter três composições políticas diferentes: o primeiro teria o comando político de uma elite clerical ou militar com algum apoio popular, o segundo teria o comando político de uma elite intelectual pequeno-burguesa aliada a setores

dos trabalhadores e o terceiro que seria composto pelos mesmos grupos do primeiro, porém sem apoio popular. Ianni (1975, p. 20) entende que o populismo

[...] está orientado no sentido de evitar que o trabalhador sofra as consequências econômicas, sociais, culturais e políticas em acumulação originária [...]. Em essência, os movimentos, partidos e governos populistas estavam, ou ainda estão, conforme o caso, inspirados por uma compreensão das relações econômicas, sociais e políticas que se fundam na hegemonia do valor de uso.

Neste sentido, no populismo haveria a cooptação da classe trabalhadora por setores econômicos predominantes nacionais interessados em um projeto de projeção dos interesses nacionais contra forças imperialistas, sob um discurso antissistema em meio a rupturas sociais com a ordem então estabelecida, geralmente relacionada a um período de modernização de países subdesenvolvidos. O autor converge com Weffort (1980) na análise de que o populismo moldou as instituições e a forma de se fazer política na América Latina, levando a um processo de institucionalização relações políticas, a organização popular, a luta sindical e utilizando o aparelho do estado para limitar o alcance e as possibilidades de atuação do movimento popular, resultando em uma integração dos trabalhadores ao sistema político através do corporativismo.

Majoritariamente, as primeiras análises acerca do fenômeno do populismo nas Ciências Sociais, embora aparecessem divergências entre os autores, convergiam para a compreensão de que este era um fenômeno associado ao subdesenvolvimento e ao rompimento de uma ordem natural de incorporação das massas ao processo político, gerando uma maior aceitação a figuras políticas centralizadoras, autoritárias e sem compromisso com o respeito ao processo democrático. No entanto, o que se observa atualmente e que foi motivo da retomada do conceito de populismo nas Ciências Sociais é a emergência de líderes e movimentos políticos populistas em países tidos até então como democracias fortes e consolidadas, rompendo com as análises que apontavam este como um fenômeno exclusivo de países subdesenvolvidos, em especial latino-americanos. Neste sentido, pode-se afirmar que Laclau (2005) trouxe importantes contribuições para o debate, entendendo o populismo como um epifenômeno, baseado em uma forma de se fazer política através da divisão da sociedade em dois grupos antagônicos (nós e eles), os quais poderiam conter qualquer seguimento, fração de classe, forças políticas, agrupamentos ideológicos ou grupos identitários, a depender de como operariam as forças políticas que compõe a estrutura que controla o poder político. Há, portanto, relevância em compreender a forma como as massas se relacionam com o líder populista, em uma relação de mão dupla que se difere do modelo clássico do século XX.

Se no século XX a incorporação das massas à política se dava com uma aliança entre classes tendo como meio uma política corporativista baseada no sindicalismo de estado⁴, no século XXI as massas já estão incorporadas ao processo político por meio das eleições, tendo a relação com o líder político inicialmente como uma relação de representação onde este representante não é mais alguém postulando um cargo, mas sim o representante de uma coletividade no combate a um inimigo comum (IANNI, 1975; WEFFORT, 1980; CASULLO, 2019, NORRIS; INGLEHART, 2019). Neste sentido, o populismo deixa de ser um fenômeno subjacente a uma incorporação das massas à política institucional de forma abrupta e violenta para se tornar uma forma política de unir a população em torno de uma figura anti-*establishment*, que personalize o enfrentamento a uma maneira de fazer política rejeitada por parte da população e vista como a origem dos problemas materiais existentes ou a uma moral coletiva conservadora ameaçada pela modernidade (MOUFFE, 2019; NORRIS; INGLEHART, 2019).

Os principais casos do populismo de extrema-direita em democracias tidas como fortes são Donald Trump e Boris Johnson⁵. Ambos surgem em partidos tradicionais de seus países: o Partido Republicano, dos Estados Unidos, e o Partido Conservador, do Reino Unido, respectivamente, e são responsáveis pela radicalização de seus partidos, ambos abertamente de direita, porém em sistemas bipartidários em que a coesão em torno dos partidos possibilita uma gama ampla de posições políticas autoafirmadas como direita. Trump foi conhecido com um presidente polêmico e agressivo com relação a adversários, promovendo ataques constantes, podendo-se apontar que

Os alvos favoritos incluem a grande mídia ('notícias falsas'), eleições ('fraudulentas'), políticos ('drenar o pântano'), partidos políticos ('disfuncionais'), burocratas do setor público ('o estado profundo'), juizes ('inimigos do povo'), protestos ('alugue uma multidão'), serviços de inteligência ('mentirosos e vazadores'), lobistas ('corruptos'), intelectuais ('liberais arrogantes') e cientistas ('quem precisa de especialistas?'), grupos de interesse ('lobistas do enriquecimento rápido'), a constituição ('um sistema fraudulento'), organizações internacionais como a União Europeia ('burocratas de Bruxelas') e a ONU ('um clube de conversa '). Nas palavras de Trump, “O único antídoto para décadas de domínio ruinoso de um pequeno punhado de elites é uma ousada infusão da vontade popular”. Em todas as grandes questões que afetam este país, o povo está certo e a elite governante está errada (NORRIS; INGLEHART, 2019, p. 4, tradução nossa).

⁴ Ver Boito (2006).

⁵ Existem outros casos notáveis de movimentos populistas que alcançam resultados notáveis, tais como o *Rassemblement National*, na França, o *Lega Nord*, na Itália, o *Vox*, na Espanha, entre outros.

Trump, portanto, apresentou-se como alguém de fora da política e antissistema, um representante da insatisfação popular com os rumos que tomava a administração do país, vista com desconfiança por conta da falta de transparência e de possibilidade de influência da população na política. Segundo Mouffe (2019), o ex-presidente dos Estados Unidos foi eleito em uma campanha apelativa a um identitarismo nacional, remontando a um passado glorioso que era ameaçado por diversos grupos, mobilizando discursos de ódio contra minorias e a negação de políticas progressistas que promovessem igualdade de gênero, direitos à população LGBTQIA+, direitos reprodutivos e ações afirmativas, além de xenofobia, especialmente contra latino-americanos, configurando aquilo que Norris e Inglehart (2019) classificaram como populismo autoritário.

O populismo de Trump não se resume apenas a expressões de preconceito e de ódio contra grupos específicos, mas a uma forma de comunicação em que o ex-presidente se permite investir de uma retórica autoritária e agressiva legitimada por uma suposta representação da vontade popular, promovendo valores autoritários em nome da intolerância de uma maioria, o que confrontaria aquilo que os federalistas apregoavam como o diferencial do sistema político estadunidense (MADISON, 2001; LOSURDO, 2004; NORRIS; INGLEHART, 2019). Assim, Norris e Inglehart (2019, p. 18, tradução nossa), ao analisarem os fatores que levam ao apoio a Trump, afirmam o seguinte:

Acreditamos que esta é de fato uma parte importante da explicação para o apoio ao populismo autoritário – mas, por si só, é simplificada demais, porque atitudes xenófobas, racistas e islamofóbicas estão ligadas a uma gama mais ampla de valores socialmente conservadores. O reflexo autoritário não se limita apenas às atitudes em relação à raça, imigração e etnia, mas também à rejeição dos diversos estilos de vida, visões políticas e moral de 'excluídos' que são percebidos como violadores das normas convencionais e costumes tradicionais, incluindo os da homofobia, misoginia e xenofobia.

Neste sentido, pode-se afirmar que a estratégia de posicionamento de Trump como um antissistema ou anti-*establishment* parte do reforço de preconceitos comuns em grande parte da população em um país historicamente conservador e cristão engendrando isso com ataques a grupos e instituições que seriam promotoras de uma agenda que não respeita as tradições e crenças desse povo (MOUFFE, 2019). Conforme Mouffe (2019, posição 454): “Os populistas de direita não tratam da demanda por igualdade e constroem um ‘povo’ que exclui numerosas categorias, normalmente imigrantes, vistos como uma ameaça à identidade e à prosperidade da nação”. Assim, surge o espaço para o direcionamento do descontentamento com a política institucional para questões vistas como desvirtuamento da vontade popular, cabendo ao líder

esse enfrentamento, que sofre uma dura resistência por parte dos grupos tidos como hegemônicos e, por conta disso, necessitam de seu apoio na luta contra esse inimigo comum (NORRIS; INGLEHART, 2019). Daí a necessidade de estabelecer o apoio ao líder carismático em meio a ações que podem ser consideradas polêmicas e a justificativa para atuar no sentido de atacar e enfraquecer as instituições.

Ataques de Trump

O Governo Trump destaca-se pelo uso até então incomum de redes sociais na comunicação direta com a população, bem como na forma como este se porta frente aos veículos mais tradicionais de mídia de massas. As mídias tradicionais foram objeto de projeção de políticos, sendo motivo de cobiça e de tensionamentos pelo espaço de exposição e fazendo parte da estratégia de comunicação política ao longo do século XX e do início do XXI (MIGUEL, 2002). Neste sentido, seu poder de decidir a quem dar espaço, e a que pautas dar espaço, tendo influência sobre a agenda e o debate públicos era consolidado e dificilmente poderiam ser encontrados casos de políticos, sobretudo entre aqueles que cumpriam mandatos, que confrontassem diretamente a mídia em geral (MIGUEL, 2002). As redes sociais, contudo, modificaram esse cenário, fazendo emergir líderes políticos populistas que dispensam a mídia tradicional, muitas vezes entrando em rota de colisão, e privilegiando a comunicação via redes sociais e até incentivando o descrédito aos veículos de comunicação tradicionais, destacando-se os casos de Donald Trump (Estados Unidos), Jair Bolsonaro (Brasil) e Nayib Bukele (El Salvador). Uma das possibilidades que se abrem com esse tipo de estratégia é a construção de narrativas políticas baseadas em notícias falsas e distorções de fatos, com base na criação de bolhas de filtro que legitimam a agenda política do mandatário sem que haja qualquer apuração de informações ou espaço para o contraditório (KOIKE; BENTES, 2018; GOMES; DOURADO, 2019; BERNARDI; COSTA, 2020). Nesse contexto, forma-se o ambiente propício para se propagar a narrativa política de que o líder populista é alguém antissistema ou *anti-establishment*, sendo necessária a luta contra as instituições que perpetuariam os interesses contrários ao do povo verdadeiro (MOUFFE, 2019). A partir disso, Trump articulou uma campanha política baseado na desconfiança crescente dos estadunidenses em relação a suas instituições (BERNARDI; COSTA, 2020).

Segundo levantamento realizado por Koike e Bentes (2018), em um universo de 161 *tweets* próprios realizados no período de 1º a 06 de maio de 2017, Trump promoveu ataques e

críticas a democratas, a instituições, a mídia comercial e a figuras públicas em 58. Com a ressalva de ser um período amostral pequeno, pode-se concluir que ataques a instituições têm espaço destacado no Twitter de Donald Trump desde o início do seu mandato. Neste sentido, pode-se analisar na sequência a forma como Trump opera esses ataques objetivando a deslegitimação das instituições.

Figura 1 – Tweet de 31 de julho de 2018, em que Trump ataca veículos de mídia*



* A Mídia de Notícias Falsas está ENLOUQUECENDO! Eles são totalmente desequilibrados e de muitas maneiras, depois de testemunhar em primeira mão o dano que causam a tantas pessoas inocentes e decentes, gosto de assistir. Em 7 anos, quando eu não estiver mais no cargo, suas avaliações irão secar e eles irão desaparecerão!

Fonte: Colby (2018)

Na Figura 1 é possível ver um *tweet* em que Donald Trump se manifesta contra o que ele chama de *Mídia Fake News*, um termo muito usado ao longo do seu mandato para desacreditar qualquer veículo midiático que não fosse considerado seu aliado (BERNARDI; COSTA, 2020). Sobre o uso do termo *Fake News* por Trump, Gomes e Dourado (2019, p. 36-37) apontam que:

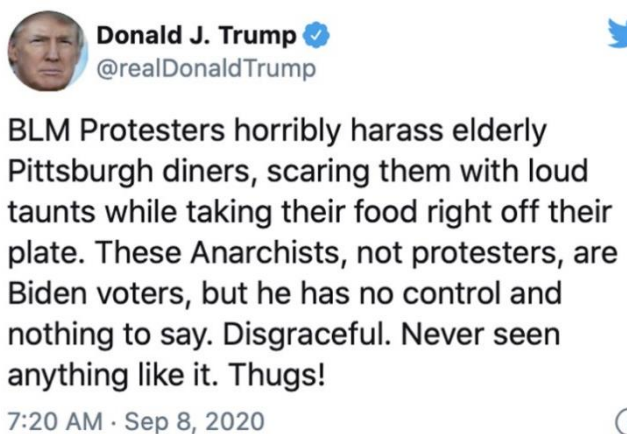
A escolha da expressão “*fake news*”, contudo, acrescenta outra característica, advinda da noção de “*news*” (notícia), à ideia já conhecida de relatos que se reivindicam factuais, mas que praticam a contrafação de inventar ou alterar os fatos a que pretensamente se referem. Com esta expressão se põe, ademais, ênfase considerável no fato de que não se trata de quaisquer narrativas factuais, mas de relatos jornalísticos, de histórias do noticiário. Com isso, se implica, aqui, a autoridade e a credibilidade da instituição do jornalismo e dos seus processos de produção de relatos autorizados e dotados de credibilidade sobre os fatos da realidade. Não são quaisquer relatos falsos, mas contrafações do próprio jornalismo. [...] Esta é a razão pela qual a expressão “*fake news*” se tornou reversível: quando um liberal⁶ a usa, refere-se a notícias sobre fatos inventados ou reportagens que alteram os fatos segundo as conveniências políticas de quem as cria; quando a empregá-la está um conservador de direita,

⁶ O termo liberal se refere ao contexto político estadunidense.

como Trump ou Bolsonaro, a referência é ao jornalismo em geral, considerado, por eles, uma instituição já comprometida, quer dizer, já invadida e controlada pelos liberais e pela esquerda.

Neste sentido, há uma deslegitimação da imprensa independente que tenha compromisso com a apuração dos fatos e com um jornalismo que não seja meramente oficial. Isso ocorre para que as únicas notícias certificadas como confiáveis e dignas de crédito pelo líder populista sejam aquelas internas das bolhas de filtro, rejeitando a crítica e o apontamento do contraditório (BERNARDI; COSTA, 2019; MOUFFE, 2019).

Figura 2 – Tweet de 8 de setembro de 2020, em que Trump ataca o movimento *Black Lives Matter**

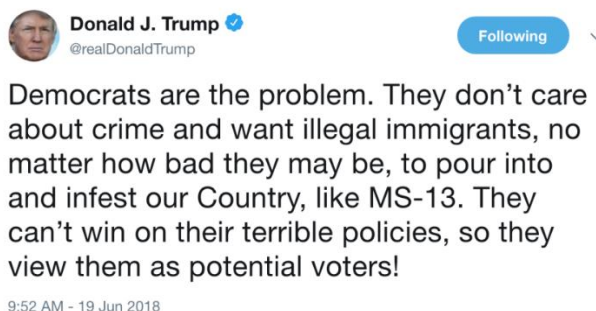


* Os manifestantes do Vidas Negras Importam assediam terrivelmente os clientes idosos de Pittsburgh, assustando-os com insultos altos enquanto tiram a comida de seu prato. Esses anarquistas, não manifestantes, são eleitores de Biden, mas ele não tem controle e nada a dizer. Vergonhoso. Nunca vi algo como isso. Bandidos!

Fonte: CBS PITTSBURGH (2020)

Trump também se notabilizou por se posicionar de forma veemente contra movimentos sociais, principalmente ligados a pautas progressistas. Na Figura 2 é possível ver um ataque do ex-presidente estadunidense a uma manifestação organizada pelo movimento *Black Lives Matter*, em que o mandatário os classifica como anarquistas e qualifica suas ações como um mero pretexto eleitoral contra si, bem como uma justificativa para criar confusões através de provocações, justificando qualquer reação de seus eleitores. Assim, Trump caracteriza o grupo como o “eles” referido por Laclau (2005), mobilizando a sua base de seguidores em sua defesa, uma vez que o preconceito contra minorias e a insatisfação com movimentos de autoafirmação e de luta por direitos para minorias faz parte de sua retórica (MOUFFE, 2019; NORRIS; INGLEHART, 2019).

Figura 3 – Tweet de 19 de junho de 2018, em que Trump ataca o Partido Democrata*



* Os democratas são o problema. Eles não se importam com o crime e querem que os imigrantes ilegais, por mais ruins que sejam, invadam e infestem nosso País, como a MS-13. Eles não podem vencer com suas políticas terríveis, então os veem como eleitores em potencial

Fonte: Trump (2018)

Outro alvo constante de ataques de Trump é o Partido Democrata – o partido de oposição no sistema bipartidário estadunidense –, como pode ser observado na Figura 3. Em meio ao debate acerca da construção do muro com o México, Trump os acusa de serem um problema, preocupando-se mais com seus potenciais eleitores do que com os danos que seriam causados pela imigração ilegal ao país. A exposição pública de críticas e de divergências entre os dois partidos é algo natural e até saudável para a democracia, entretanto as investidas de Trump contra o Partido Democrata não expressam mera divergência de agendas políticas, mas sim a atribuição constante do opositor como um problema, um alvo e um inimigo a ser combatido.

Figura 4 – Tweet de 04 de fevereiro de 2017, em que Trump ataca o Poder Judiciário*



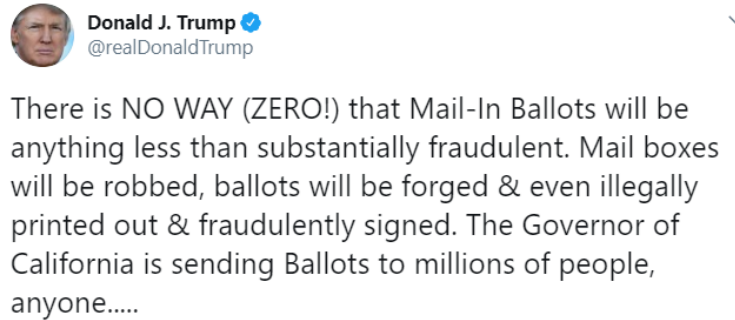
* O juiz abre nosso país para potenciais terroristas e outros que não têm nossos melhores interesses em mente. Pessoas más são muito felizes!

Fonte: Brennan Center for justice (2020)

Na Figura 4, pode-se ver Trump atacando o Poder Judiciário do país. Em mais um caso, o ex-presidente se utiliza da xenofobia para propagar uma estratégia política de “nós”, aqui manifesto na figura das pessoas boas preocupadas com a possível invasão de terroristas aos Estados Unidos, contra um “eles” que pauta suas ações na maldade (LACLAU, 2005; MOUFFE, 2019). Neste caso, o Poder Judiciário teria tomado uma medida a qual é obviamente

errada, cuja única explicação seria a não preocupação para com o cidadão comum estadunidense.

Figura 5 – Tweet de 26 de maio de 2020, em que Trump ataca Gavin Newsom, Governador da Califórnia*

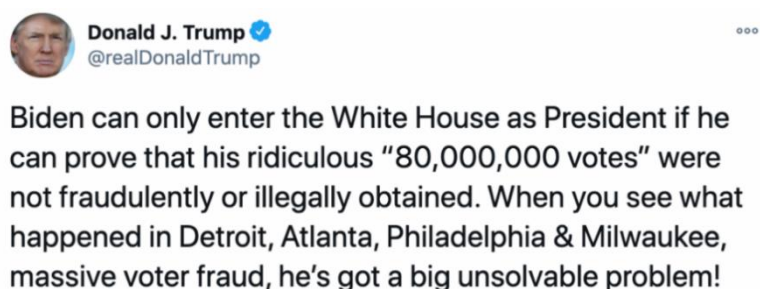


* Não há NENHUMA MANEIRA (ZERO!) de que as cédulas por correio sejam nada menos do que substancialmente fraudulentas. Caixas de correio serão roubadas, cédulas serão falsificadas e até mesmo impressas ilegalmente e assinadas de forma fraudulenta. O governador da Califórnia está enviando cédulas para milhões de pessoas, qualquer pessoa...

Fonte: Trump (2020)

Na figura 5 é possível ver Trump atacando o Governador da Califórnia em meio à polêmica dos votos via correio nas eleições presidenciais de 2020. Aqui Trump utiliza o mesmo discurso que repetiria meses depois, ao ser derrotado na eleição presidencial, de que o voto pelo correio seria inseguro e poderia ser facilmente fraudado. O ataque a governadores opositores, bem como a prefeitos, se repetiu ao longo de todo o mandato, em especial em meio a polêmicas e posições contrastantes entre as partes. Aqui repetiu-se tanto o fato de haver uma deslegitimação da oposição, a acusando de ser conivente com um crime, como também o reforço na narrativa de um “eles” unido contra um “nós”.

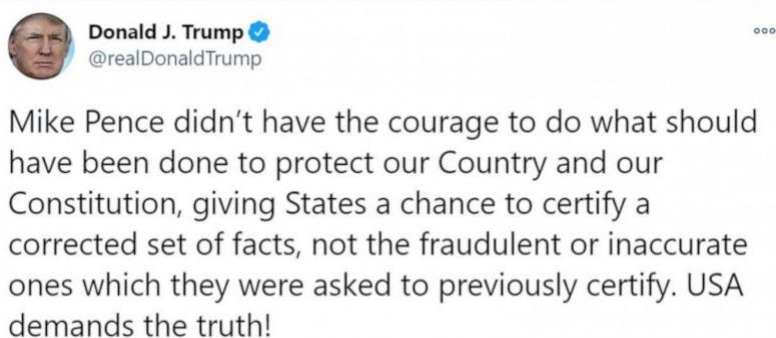
Figura 6 – Tweet de 27 de novembro de 2020, em que Trump acusa o sistema eleitoral de ser fraudulento*



* Biden só pode entrar na Casa Branca como presidente se puder provar que seus ridículos "80 milhões de votos" não foram obtidos de forma fraudulenta ou ilegal. Quando você vê o que aconteceu em Detroit, Atlanta, Filadélfia e Milwaukee, fraude eleitoral maciça, ele tem um grande problema insolúvel"
Fonte: The Courier (2020)

Após perder a eleição presidencial de 2020, Trump não reconheceu a derrota e acusou o sistema eleitoral dos Estados Unidos de permitir fraude em vários estados (aqueles em que houve reversão de sua vitória após a chegada de votos via correio). Foi a primeira vez em que se rompeu a tradição estadunidense de o candidato derrotado não reconhecer a vitória do opositor.

Figura 7 – Tweet de 06 de janeiro de 2021, em que Trump acusa Mike Pence de traição*



* Mike Pence não teve coragem de fazer o que deveria ter sido feito para proteger nosso País e nossa Constituição, dando aos Estados a chance de certificar um conjunto de fatos corrigidos, não os fraudulentos ou inexatos que foram solicitados a certificar previamente. Os EUA exigem a verdade!
Fonte: Lane (2021)

Na Figura 7, Trump dirige seus ataques ao seu vice-presidente, Mike Pence, por não participar de seu plano de tumultuar a sessão do Congresso dos Estados Unidos que ratificaria o resultado eleitoral. O ex-presidente o acusou de traí-lo e de não se esforçar na busca da verdade. Assim, Trump transformou seu próprio vice em um opositor que estaria se aliando a aqueles que trazem perigo e coisas ruins aos bons cidadãos.

Em comum a todas as postagens aqui selecionadas, pode-se ressaltar o fato de Trump constantemente apelar a um discurso populista, segundo a concepção de Laclau (2005), em que existe um “nós”, composto por seus apoiadores que seriam o grupo de verdadeiros patriotas e pessoas boas, e um “eles”, composto por toda a oposição a si, a China, organizações internacionais, e pessoas que pertencem a outros poderes e instituições, que estariam unidas contra o seu governo. Neste sentido, qualquer pessoa, coletivo ou instituição que tenha manifestado discordância acerca de atos de Trump na Presidência é enquadrado não como um legítimo opositor ou pessoa que faz o seu trabalho, mas como uma ameaça a esse grupo que o líder representa. Norris e Inglehart (2019), bem como Bernardi e Costa (2020), apontam uma crescente desconfiança nas instituições por parte dos estadunidenses. O fato de Trump se utilizar de uma retórica que deslegitima instituições como a vice-presidência, o Congresso, os partidos de oposição, o ex-presidente Barack Obama e a Suprema Corte não apenas faz sentido enquanto discurso realizado com base nas opiniões e desconfianças da população, mas também reforça o sentimento de descrença por parte de seus apoiadores, já que as instituições, quando não se portam conforme seus interesses, são classificadas como um grupo interessado em criar problemas aos cidadãos.

Considerações finais

A bibliografia clássica da Ciência Política atribuía um status de robustez e infalibilidade da democracia liberal nos países onde fora criada, apesar de, em suas origens, os sistemas de governo derivados do que fora idealizado pelos federalistas eram idealizados sendo deliberadamente excludentes, antidemocráticos e antipopulares. Ao final do século XX, o modelo democrático liberal estava consolidado e parecia não haver riscos em países de longa tradição democrática. Contudo, o início do século XXI foi marcado pelo aumento da insatisfação para com a democracia e a desconfiança nas instituições mesmo em países em que se acreditava pouco propensos ao autoritarismo (MOUFFE, 2019; NORRIS; INGLEHART, 2019; BERNARDI; COSTA, 2020). Esse comportamento gerou a ascensão de uma tendência antissistema ou anti-*establishment*, possibilitando o surgimento de lideranças e movimentos políticos autoritários, antidemocráticos e populistas. Neste sentido, recupera-se o conceito de populismo, a fim de explicar fenômenos recentes, embora com uma nova interpretação acerca de seu conceito. Se originalmente o populismo era um fenômeno predominantemente latino-americano, ligado ao subdesenvolvimento e à dependência ao imperialismo, hoje ele se

manifesta em países desenvolvidos e de larga tradição democrática, causando apreensão com relação às suas consequências. Um dos casos de maior destaque é Donald Trump, uma vez que este se credenciou para a Presidência dos Estados Unidos sem ter sido eleito anteriormente para nenhum cargo público, baseando a sua agenda política em uma retórica difusa anti-*establishment* e contrariando um perfil comunicacional mais oficial e diplomático, como tradicionalmente se portaram os presidentes anteriores.

Trump se utilizou de uma estratégia populista em sua comunicação, lançando mão de uma campanha de comunicação direta com o público, mesmo quando de anúncios oficiais do governo e da manifestação de opiniões acerca de assuntos polêmicos ou delicados, rejeitando e até ridicularizando o intermédio da mídia de massas, acusadas pelo ex-presidente de serem mídia *Fake News*, excetuando aquelas que apoiavam incondicionalmente as suas ações. Por meio de sua conta no Twitter, Trump atacava opositores, instituições e até mesmo antigos aliados que não concordavam com ações em específico ou que romperam politicamente com o ex-presidente. Neste sentido, através da análise automática de discurso, foi possível constatar que Trump procurou operar por uma estratégia de criação de um “nós”, composto por ele e por seus apoiadores e que representariam o verdadeiro patriota estadunidense, contra um “eles”, composto por instituições, personalidades, empresas, veículos de mídia e qualquer pessoa, entidade ou instituição que se mostrasse contrária. Assim, é possível confirmar a hipótese de trabalho desenvolvida, visto que a retórica de Trump atacava as instituições com o intuito de criar um inimigo comum e uniforme que o ameaçava e a todos os seus apoiadores, uma vez que este era o representante do estadunidense legítimo, pois não há compromisso para com as instituições ou a manutenção da democracia liberal, apenas de seu projeto de poder.

Os resultados apresentados mostram um alerta acerca dos efeitos a curto prazo que a presidência de Donald Trump causou às instituições e à democracia liberal de seu país. No entanto, ainda se faz necessário compreender seus efeitos a longo prazo, a partir tanto de seu comportamento individual nos próximos anos, como também tendo atenção às movimentações de sua base política, uma vez que, mesmo derrotado eleitoralmente, o efeito de Trump não pode ser desconsiderado.

REFERÊNCIAS

- BERNARDI, A. J. B.; COSTA, A. L. V. Populismo e fake news na era da pós-verdade: comparações entre Estados Unidos, Hungria e Brasil. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, v. 1, n. 28, p. 385-412, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/13690>. Acesso em: 10 fev. 2022.
- BOBBIO, N. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- BOITO, A. Sindicalismo de Estado no Brasil. In: BOITO, A. **Sindicalismo e política no Brasil**. Campinas, SP: Edição do IFCH – Unicamp, 2006.
- CASULLO, M. E. **¿Por qué funciona el populismo?** el discurso que sabe construir explicaciones convincentes de un mundo en crisis. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2019.
- COLBY, E. B. Donald Trump's network tweets as president. **Newsday**, 2018. Disponível em: <https://www.newsday.com/news/nation/donald-trump-s-noteworthy-tweets-as-president-1.12632966>. Acesso em: 06 mar. 2023.
- CRUZ, C. **Political Culture and Institutional Development in Costa Rica and Nicaragua**: World Making in the Tropics. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- DAHL, R. **Sobre a democracia**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- DALTON, R.; WELZEL, C. Political Culture and Value Change. In: DALTON, R.; WELZEL, C. (org.). **The civic culture transformed**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- DI TELLA, T. Populismo y reformismo. In: GERMANI, G.; DI TELLA, T.; IANNI, O. **Populismo y contradicciones de clase en latinoamerica**. México: Era, 1973.
- GERMANI, G. Democracia representativa y clases populares. In: GERMANI, G.; DI TELLA, T.; IANNI, O. **Populismo y contradicciones de clase en latinoamerica**. México: Era, 1973.
- GOMES, W.; DOURADO, T. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 33-45, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- IANNI, O. Populismo y relaciones de clase. In: GERMANI, G.; DI TELLA, T.; IANNI, O. **Populismo y contradicciones de clase en latinoamerica**. México: Era, 1973.
- IANNI, O. **A formação do estado populista na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

IN His Own Words: The President's Attacks on the Courts. **Brennan Center for Justice**, 2020. Disponível em: <https://www.brennancenter.org/our-work/research-reports/his-own-words-presidents-attacks-courts>. Acesso em: 06 mar. 2023.

KOIKE, D.; BENTES, A. C. Tweetstorms e processos de (des)legitimação social na administração Trump. **Cadernos CEDES**, v. 38, n. 105, p. 139-158, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/tQV39FMbPvtf9JKQtCn8yPg/?lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LACLAU, E. **La razón populista**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

LANE, K. Reports: Tuberville notified Trump about Pence evacuation during Capitol attack. **NBC 15NEWS**, 2021. Disponível em: <https://mynbc15.com/news/nation-world/reports-tuberville-notified-trump-about-pence-evacuation-in-capitol-attack>. Acesso em: 06 mar. 2023.

LIMONGI, F. O federalista: remédios republicanos para males republicanos. *In*: WEFFORT, F. **Os clássicos da Política**. São Paulo: Ática, 2001.

LOSURDO, D. **Democracia ou bonapartismo: triunfo e decadência do sufrágio universal**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MADISON, J. O tamanho e as diversidades da União como um obstáculo às facções. *In*: WEFFORT, F. **Os clássicos da política**. São Paulo: Ática, 2001.

MALY, I. Algorithmic populism and the datafication and gamification of the people by flemish interest in Belgium. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 59, n. 1, p. 444-468, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/XVtsCBnxW8s5HbwbqP83pdC/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MIGUEL, L. F. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, n. 55-56, p. 155-184, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n55-56/a07n5556.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2023.

MOUFFE, C. **Por um Populismo de Esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

MOUFFE, C. **Sobre o Político**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. **Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2019.

PRESIDENT Trump Reacts To Viral Video Of Protesters Clashing With Diners In Pittsburgh. **CBS Pittsburgh**, 2020. Disponível em: <https://pittsburgh.cbslocal.com/2020/09/08/president-trump-reacts-to-viral-video-of-protesters-clashing-with-diners-in-pittsburgh/>. Acesso em: 06 mar. 2023.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na américa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TRUMP, D. J. Tweet. **Twitter**, 2018. Disponível em: <https://twitter.com/realdonaldtrump/status/1009071403918864385>. Acesso em: 06 mar. 2023.

TRUMP, D. J. Tweet. **Twitter**, 2020. Disponível em: <https://twitter.com/ecalvo68/status/1265609219753074689?lang=cas>. Acesso em: 06 mar. 2023.

TWITTER bans Trump permanently cites risk of violence. **The Courier**, 2020. Disponível em: https://wfcourier.com/news/national/twitter-bans-trump-permanently-cites-risk-of-violence/article_0f32f12d-af89-54e5-bffc-a9dda13421b0.html. Acesso em: 12 mar. 2021.

VARIS, P. Trump tweets the truth: metric populism and media conspiracy. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 59, n. 1, p. 428-443, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/RPhbj6dwKR9bx9pBQ4Y9JKw/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 10 nov. 2022.

WEFFORT, F. **O populismo na política brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Não aplicável.

Disponibilidade de dados e material: Todos os dados utilizados estão referenciados no próprio artigo.

Contribuições dos autores: Ambos os autores formularam a proposta do artigo e fizeram a revisão final. As duas primeiras sessões foram escritas majoritariamente pela autora principal e as demais majoritariamente pelo outro autor.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

